

VERÔNICA CRISTINA CARNEIRO



**O DESENHO COMO BASE
PARA A FORMAÇÃO
DA CRIANÇA**

FORMIGA

2011

VERÔNICA CRISTINA CARNEIRO

O DESENHO COMO BASE PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Monografia apresentada ao
Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais do Programa de Pós
-graduação em Artes da Escola de Belas
Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Giovanna Viana Martins

FORMIGA

2011

Carneiro, Verônica Cristina.

Título Monografia: O desenho como base para a formação da criança / Verônica Cristina Carneiro – 2011.

30 f.

Orientadora: Giovanna Viana Martins.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1.Artes Visuais – Estudo e ensino I. Giovanna Viana Martins II.Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. O desenho como base para a formação da criança.

VERÔNICA CRISTINA CARNEIRO

O desenho como base para a formação
da criança

Monografia apresentada ao
Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais do Programa de Pós-
graduação em Artes da Escola de Belas
Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

Membro da Banca – Giovanna Viana Martins – EBA - UFMG

Membro da Banca – Lincoln Volpini Spolaor - EBA - UFMG

Formiga
2011

Dedico esta monografia
as minhas pequenas
filhas que ficam
desenhando o tempo todo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àquelas maravilhosas pessoas
que tornaram possível o meu sonho,
de concluir com mérito o meu curso de pós-graduação.
Obrigada, pelo sorriso do dia-a-dia, pelo gesto de amizade
e companheirismo.

Muito obrigada mesmo, pela presença solidária,
parceria e apoio.

Foi tudo isso que fez com que a minha caminhada ficasse mais leve,
possibilitando que eu chegasse até aqui.

Obrigada, meu bondoso Pai do Céu, por ter me acompanhado em
mais essa jornada.

Deus abençoe a todos!

RESUMO

Este projeto inicia-se apresentando algumas considerações sobre o ensino e o professor de Arte, a criança e o desenho, tomadas a partir de minha própria experiência nesse campo. Neste trabalho busca-se, também, desenvolver uma reflexão acerca do trabalho com Arte /desenho no ambiente escolar com crianças na faixa de idade entre três a dez anos. Ao final, evidencia-se a importância do desenho para o desenvolvimento infantil, ressaltando a necessidade da atuação do professor no apoio e condução ao ato de desenhar da criança.

1. **Palavras-chave:** ensino de arte, formação do professor de arte, desenho.

Abstract

This project starts on presenting some considerations about teaching and the Art teacher , the child and the drawing, taking from my own experience in this field. This project also seeks to develop a reflection about the project of Art/drawing in the school environment with children in age between three and four years old. In the end, it highlights the importance of drawing to the children's development stressing the need of the teacher's performance in supporting and to lead the child's drawing.

Keywords

Art education , Art teacher training, drawing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho livre (o mundo).....	16
Figura 2 – Desenho livre (família).....	18
Figura 3 – Autorretrato.....	19
Figura 4 – Autorretrato.....	21
Figura 5- Desenho livre (materiais diversos).....	23
Figura 6 – Desenho livre (família).....	25
Figura 7– Desenho livre (família)	25

SUMÁRIO

Introdução	9
1.Capítulo 1- O ensino da Arte e as Artes Visuais.....	10 - 15
2. Capítulo 2- O desenho no universo infantil	16 - 21
3. Capítulo 3 – A vivência do desenho na sala de aula	22 - 27
Conclusão	28
Referências bibliográficas	29

Introdução

A Arte tem sido componente curricular obrigatório em escolas no Brasil há 17 anos, com a lei 6.692/71. Porém, a falta de correspondência entre os objetivos da Lei e a prática real na sala de aula é fortemente notada até os dias de hoje.

O sistema educacional não exige do professor o lançamento de notas em Arte, por esta não se configurar como uma disciplina; uma ou outra escola atribui notas, a fim de colocar a Arte num mesmo patamar de importância dos outros componentes curriculares.

Dentre as modalidades no ensino da Arte podemos ressaltar a importância dada ao desenho. As apreciações artística e histórica da Arte não têm lugar de destaque na escola. As “imagens artísticas” na sala de aula são as imagens dos livros, das folhas de colorir e dos desenhos produzidos pelas próprias crianças.

A concepção do trabalho da Arte na escola não é linear, mas pretende contextualizar a obra no tempo e explorar suas circunstâncias.

A idéia de interpretação do desenho é construir uma metalinguagem da imagem representada, isto é, falar sobre um desenho, mas também, falar o desenho num outro contexto, às vezes silencioso, que pode contar toda a história, todos os sonhos daquele pequeno ser que está iniciando sua jornada escolar.

Faz-se necessário termos consciência de que o Ensino da Arte trará mais qualidade à vida se não tiver somente propriedades funcionais mas, também, se utilizar da imaginação, do estético, da representação, do belo, do sentimento.

Essa preocupação por parte de nós, educadores, garantirá ao Ensino da Arte o papel de transmissor de valores estéticos, culturais e éticos, num contexto educacional que prioriza a formação plena do ser humano.

Capítulo 1 – O Ensino da Arte e as Artes Visuais

Ao estudar o Ensino de Arte no Brasil, ao longo da História, buscamos um entendimento do momento contemporâneo. A Arte, por estar presente e fazer parte da vida dos seres humanos não assegurou e garantiu historicamente seu espaço como área de conhecimento. Mesmo incluída nos currículos escolares e na LDB 9394/96, a sua existência não responde a demandas hierárquicas, não tem valor diante das demais disciplinas, conforme Barbosa (2002, p. 14):

nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/aprendizagem que torne os estudantes aptos para entender a Arte ou a imagem na condição pós-moderna contemporânea.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - nº 9394/96) estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo II que:

"O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. "

" A Arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. "

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética , que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCN-Arte-1997)

A Arte está presente no nosso dia-a-dia. Estamos mergulhados em um mundo repleto de sonoridades, imagens, objetos, construções, estímulos, solicitações, exigências...

O Ensino de Arte vem sofrendo transformações no que se refere à sua valorização, uma vez que, até pouco tempo, havia quem acreditasse que era apenas uma atividade de lazer ou recreação, uma aula de desenho ou pintura, e muitos a viam como desnecessárias; hoje, ela mostra-se como uma disciplina ou conteúdo de grande importância na formação de um cidadão pleno, crítico e atuante na sociedade atual.

A Arte se apresenta em todos os momentos do nosso cotidiano. Tanto na vida da criança, quanto na do adolescente e do adulto, a Arte está intimamente ligada ao seu processo de apreensão da realidade, à maneira como ele vê e percebe o meio em que vive, como o entende e como o traduz, para si mesmo e para os outros.

A Arte pode ser considerada uma expressão do universo cognitivo e afetivo de cada um, pois revelamos o que sentimos e pensamos, quando trabalhamos com ela. Ela pode ser uma reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de maneira diferente e a reconstrói, usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos.

O poeta português Fernando Pessoa fez um alerta muito feliz da natureza e a importância da Arte escrevendo: "A necessidade da arte é a prova de que a vida não basta."

O poeta não quis, de modo algum, dizer que a Arte substitui a vida mas sim, revelar a ludicidade da Arte no sentido de que ela nos aponta, mesmo que utopicamente, caminhos para um mundo melhor, pois a Arte está sempre a favor da vida.

Na Educação a Arte é tida como material privilegiado para complementar o ensino sistematizado, pois rompe com o cotidiano e é alternativa acertada para aproximar conhecimento e prazer.

Assim, ao examinar o papel da Arte no processo educativo infantil, vemos que ela, além de ser veículo de expressão do pensar e do sentir da criança, é mediadora do aprendizado, relativo tanto ao seu mundo interno, quanto externo. Isso porque, ao desenhar, pintar, dançar, representar, criar formas e fenômenos sonoros, na realidade, a criança estará estabelecendo relações entre seu mundo pessoal e o meio que a rodeia, em um diálogo construtivo e ininterrupto, alcançando novos patamares de percepção e, conseqüentemente, de ação.

Para poder ver e entender é preciso conhecer. E aí está o papel da Arte na escola: possibilitar que o educando compreenda o que é apenas sugerido, veja o que está por trás da imagem, ouça o que é sequer sussurrado. Permitir que ele vivencie a Arte em todas as suas dimensões é deixar que ele perceba os significados das manifestações artísticas e possa, assim, ser senhor de sua própria história. Olhar criticamente é, portanto, liberar-se.

A Arte desenvolve no ser humano, ao mesmo tempo, várias capacidades. No aspecto individual e psicológico toda a manifestação artística traz à tona o mais íntimo de cada um. É uma expressão dos sentimentos, das concepções, da visão de mundo da personalidade, das preocupações daquele que a faz.

A prática da arte colabora na construção do processo de autoconhecimento, autoconfiança e autocrítica do educando e na busca da sua própria identidade.

Além disso, o fazer artístico constitui uma ação que desencadeia processos cognitivos complexos, envolve habilidades de perceber a realidade, compreendê-la, codificá-la e reelaborá-la; desenvolve intensamente a inteligência, o raciocínio espacial, abstrato, o raciocínio lógico, a interpretação de diferentes sistemas e a compreensão da comunicação.

Ao se trabalhar com Artes Visuais na Educação, é necessário estar atento no que se refere ao respeito aos conhecimentos adequados a cada faixa etária e ao nível de desenvolvimento da criança. É importante que o trabalho seja realizado de maneira integrada, visando o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

Na aprendizagem em Artes Visuais, o educando cria e constrói individualmente, de acordo com suas escolhas, experiências pessoais, aquisição de conhecimentos sua relação com o meio ambiente e com fatores motivacionais.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI- Volume 3) traz algumas considerações:

"As artes visuais estão presentes desde cedo na vida infantil. A criança sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, sejam pelas imagens e atos de produção

artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças.

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentido e sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, volume, espaço, luz e cor na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes...

O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às artes visuais."

Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e, até mesmo, seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis.

Nesse sentido as Artes Visuais devem ser concebidas como uma expressão que tem estrutura e características próprias e cuja aprendizagem se dá por meio da articulação do fazer artístico, da apreciação e da reflexão.

Dentre as Artes Visuais está o Desenho, considerado como uma atividade artística, de fazer individual, de exercício da criatividade, da imaginação e da possibilidade de escolhas, características inatas ao ser humano.

Quando uma criança desenha ela representa algo que lhe chamou a atenção. No decorrer da ação de desenhar ela está relacionando-se com aquilo que para ela é significativo. Ao mesmo tempo, está elaborando novos sentimentos e novas reflexões acerca deste mesmo assunto e, em um terceiro momento, estará estabelecendo um diálogo com a realidade que a cerca, pois a externalização do sentimento ou do pensamento se dá em relação a algo ou alguém.

Durante a realização do seu desenho a criança canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia. O ato de desenhar impulsiona manifestações que expressam o imaginário.

O Desenho possui uma natureza específica e particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem através de determinados suportes:

papel, cartolina, quadro, muro, chão, areia, madeira, com a utilização de alguns instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, caneta hidrográfica, pontas de toda espécie.

O Desenho pode revelar a estrutura e o grau de desenvolvimento do mecanismo intelectual, mas também nasce de uma visão. Na criança, o desenho não é leitura é ação. O desenho não é mera cópia, reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação, relacionando, atribuindo novos sentidos ao original. O desenho mostra uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito.

O desenho conjuga elementos da observação sensível do real e a capacidade de imaginar e projetar, vontades de significar.

O desenho configura um espaço de possibilidades, onde o real, o percebido e o imaginário se confrontam.

O desenho é o lugar onde se encontram todos os elementos originados pela observação, memória e pela imaginação.

A criança estabelece um vínculo existencial profundo com o desenho, ela está presente, integralmente, em todas as suas ações.

O ato de desenhar congrega o presente com um passado e um futuro. As imagens nascem da observação (presente), da memória (passado) e da imaginação (futuro).

O ato de desenhar envolve aquilo que se acaba de aprender com o conhecimento já adquirido. Ele se dá no tempo imediato. No ato de desenhar está o pensar e o fazer; estão os gestos reelaborados, construídos e inventados.

É prazeroso observar a criança desenhar, a maneira de se relacionar e se posicionar com o papel, o lápis na mão, traçando gestos mais íntimos e secretos, mais comunicativos e sociais.

A criança vai desenhando e a linha sugere uma figura que lembra uma música, que ela associa a um ritmo; surgem pontos que lembram o céu e as estrelas, sinais abaixo que se transformam em casas, flores... e tem o azul, o amarelo. Dessas associações nasce o desenho.

O desenho vai registrando e demonstrando a ampliação da consciência da criança.

O desenho é o pensamento visual, adaptando-se a qualquer natureza do conhecimento. A observação, a memória e a imaginação estarão sempre presentes.

Trabalhar o desenho com a criança é possibilitar que ela vá além das palavras, vendo e não apenas olhando, a ouvir e não apenas a escutar. É propiciar à criança a capacidade de refletir e agir sobre a realidade, transformando-a.

Capítulo 2 - O desenho no universo infantil

O Desenho como linguagem para a Arte é um recurso de conhecimento com grande abrangência nos meios de comunicação e expressão.

As representações gráficas do Desenho não se limitam ao uso do lápis e papel. O Desenho pode manifestar-se através de sinais, tais como riscos num muro, impressão digital.

Existem os desenhos criados e projetados pelo homem, mas também existem desenhos vivos da natureza: os detalhes numa planta, as rugas de um rosto, as linhas das conchas na praia. Estes exemplos nos fazem pensar nas infinitas ideias que se tem do desenho.



Mikael (4 anos) – desenho livre, tema: o mundo em que vivemos.

De uma maneira mais ampla, ele não é somente uma representação gráfica de lápis e papel, como já destaquei, mas um instrumento de reflexão, abstração e conceituação. No entanto, em uma sociedade com tantas condições precárias de sobrevivência, o desenho nos traz uma vantagem: basta ao artista um lápis e um papel e eis a arte final. O desenho funciona como uma arma de combate ante a sobrevivência.

Desenhar não é copiar formas, figuras em proporção diferenciada. Desenhar é conhecer, é apropriar-se do objeto. É uma atividade perceptiva, algo que não se completa, mas que convida, sugere, evoca. O desenho é uma forma de raciocinar, pois o ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é revelação. Ao desenhar apropria-se do objeto desenhado, revelando-o.

A criança desenha, entre outras coisas, para divertir-se. O desenho é o palco de sua construção, de seu universo particular, é a manifestação de uma necessidade vital. É a forma como ela age sobre o mundo que a cerca. Nele, ela projeta seu esquema corporal, seu desejo de ver sua própria imagem refletida.

O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho é medo, é alegria, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um forte processo vivencial e existencial.

O desenho é a memória visível do acontecido; ele constitui, para a criança, uma atividade total envolvendo potencialidades e necessidades, a criança expressa a maneira pela qual se sente existindo.

O desenvolvimento do potencial criativo é essencial ao seu crescimento. A criança é extremamente fiel às suas necessidades cognitivas e existenciais e isto confere veracidade a todos os seus atos.

O desenho do adulto e o desenho da criança não são estanques. Eles participam do patrimônio humano de aquisição de conhecimento, complementando-se.

O desenho é precedido pela garatuja, fase inicial do grafismo. Semelhantemente ao brincar, caracteriza-se pelo exercício da ação. Depois, ele passa a ser conceituado como tal a partir do reconhecimento pela criança de um objeto no traçado que realizou. Ele é o registro do gesto, constituindo passagem deste à imagem.

O desenho é de suma importância no processo de desenvolvimento da criança; e, por isso, estudo de vários profissionais: psicólogos, educadores, artistas.

Existem várias classificações referentes aos estágios do desenvolvimento gráfico infantil, tendo em vista parâmetros sociais, culturais, psicológicos, pedagógicos e muitas formas e métodos para a compreensão destas manifestações.

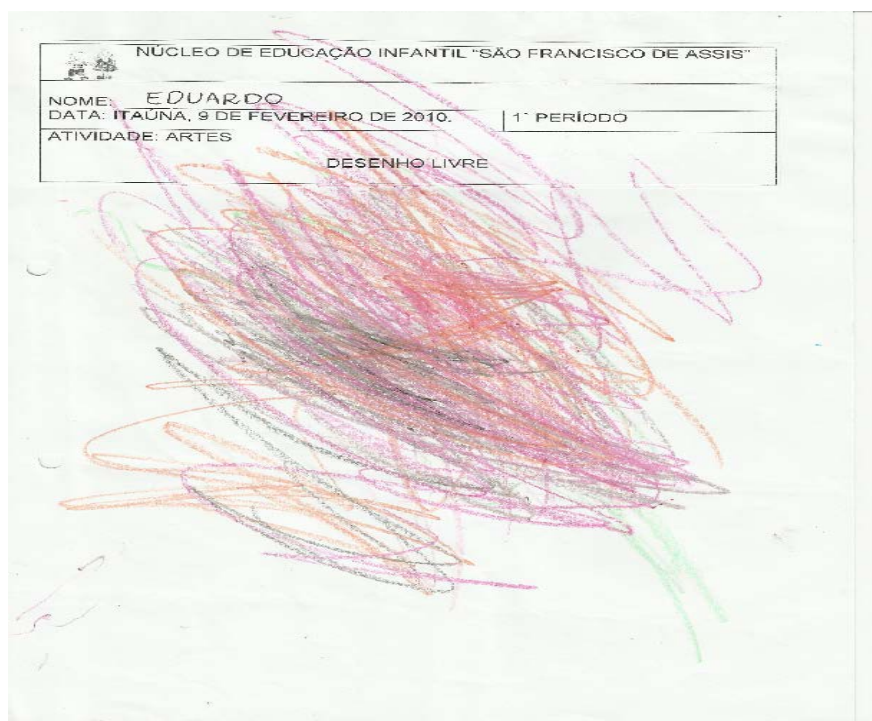
Geralmente, o adulto impõe sua própria imagem de infância ao interpretar o desenho infantil. Esta projeção revela o despreparo do adulto para esse conteúdo.

Ao rabiscar obsessivamente, a ponta do lápis acaba. A criança pega outro lápis, sua mão desliza pelo papel, a ponta acaba novamente. A criança olha para o lápis e não sabe de onde veio a linha. Se foi, da sua mão, do lápis ou do papel.

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular de se afirmar. O grafismo que surge daí é motor, biológico é rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, surgem as linhas. Quando a mãozinha pára, as linhas não aparecem. Aparecem, desaparecem. E a linha é investida de uma magia que estimula a vontade de prolongar este prazer.

É um prazer autogerado, diferente do prazer sentido com o alimento, o carinho. A magia do desenho depende somente da criança.

O desenho é indecifrável para nós, mas, para a criança, naquele instante, aquele gesto vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas.



Eduardo (3 anos) - desenho livre.

A garatuja não é uma simples atividade sensório-motora, desprovida de sentido; por trás desse ato de rabiscar estão os segredos existenciais, as emoções e as necessidades de comunicação.

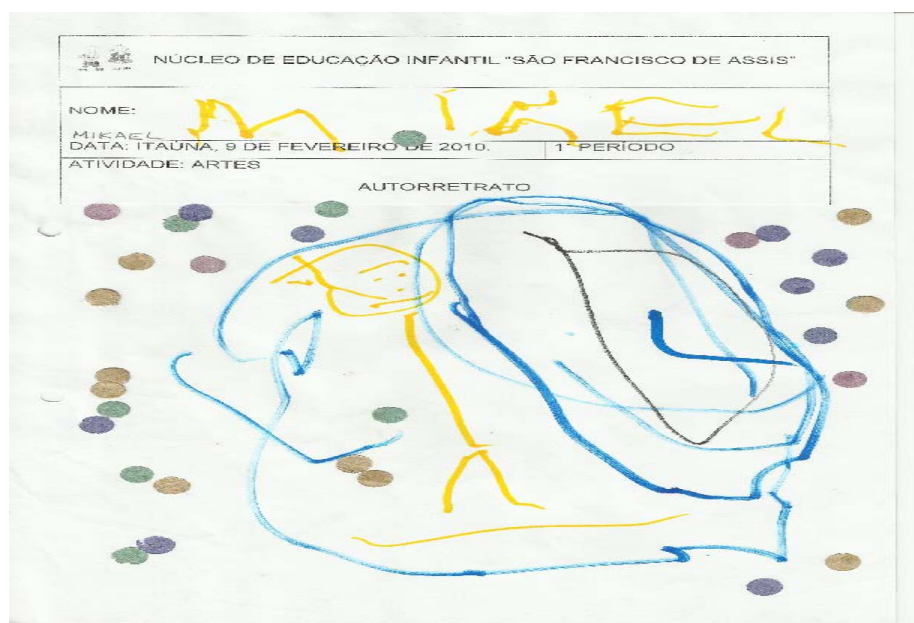
As garatujas não devem ser minimizadas nem supervalorizadas.

A criança que tem bastante oportunidade para desenhar, certamente, irá explorar uma maior quantidade de tipos de grafismos. A partir dos rabiscos é que surgirão certas formas básicas, as garatujas.

As garatujas funcionam como unidades gráficas, abstratas, que estarão contidas em qualquer desenho figurativo. Mesmo sendo indecifrável para nós, seus rabiscos provêm de uma intensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado na pontinha do lápis. Esta funciona como ponte de comunicação entre o corpo e o papel. A ponta do instrumento é uma entidade sensível, capaz de registrar todo e qualquer impulso do sistema nervoso, motor e biológico.

A criança, em suas garatujas, obedece às necessidades do sistema nervoso, afinado com o desejo de significação e afirmação de seu ser no mundo.

O desenho, além de ser resultado de ação motora, apresenta um ritmo biopsíquico de cada indivíduo.



Mikael (4 anos) – autorretrato.

Quando desenha no papel, um objeto que existe fora dela, a criança interage com o papel, com o lápis, com a cor, com o chão, ligando a ação aos mais diferentes movimentos corporais: exclama, canta, balança.

A criança muito pequena, de aproximadamente 18 meses, ao desenhar, ultrapassa os limites do papel. Aos poucos, ela vai percebendo as bordas, as

pontas. Esse comportamento coincide com a sua própria socialização, a criança começa a diferenciar o que existe dentro dela e o que existe fora dela e, assim percebe o eu, o outro, o meu, o seu.

No seu fazer, a criança vai precisando o gesto, afirmando o corpo, combinando e ampliando suas possibilidades expressivas. A precisão do gesto no papel está ligada à apreensão e domínio corporal como um todo, à sua capacidade de encontrar apoios, entender os mecanismos corporais de equilíbrio e desequilíbrio.

A criança, num determinado momento, percebe que tudo aquilo que está no papel partiu dela. Não lhe foi dado, foi inventado por ela mesma. Inaugura-se o terreno da criação.

No ato de desenhar, a criança é o papel, o lápis, a linha, o objeto, a pontinha que entra nesse universo anímico. Desenhar é atividade lúdica, reunindo os aspectos operacional e o imaginário. Todo ato de brincar reúne esses dois aspectos, que sadiamente se correspondem.

Ao desenhar, o espaço do papel se altera. O tempo do desenho corresponde a um tempo mental e emocional onde prevalece o ritmo individual de execução.

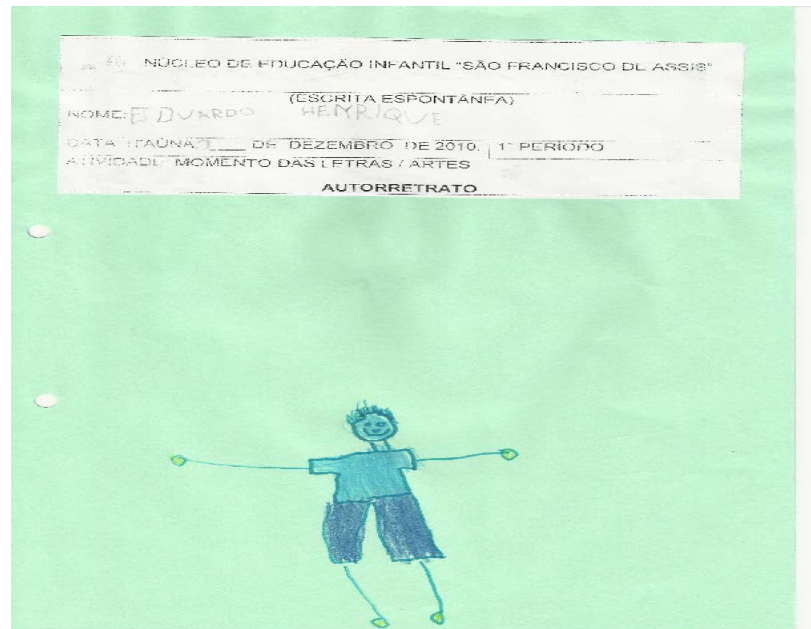
O desenho vai da ação à representação na medida em que evolui. O desenho evoluído permite à criança exprimir um pensamento individual. O ato de desenhar, que era fruto de uma ação e de uma percepção, agora, passa a emitir conceitos.

O desenho do adulto e o desenho da criança não são estanques. Eles participam do patrimônio humano de aquisição de conhecimento, complementando-se.

Desenhar concretiza material e visivelmente a experiência de existir.

Existe uma parte do desenvolvimento gráfico infantil que é da inteligência humana e outra parte que pertencem às condições geográficas, temporais e culturas da vida humana. A criança vive na paisagem cultural do adulto e cada vez mais sua conduta é marcada pelas imagens da TV e da Internet. O imaginário contemporâneo é entregue à domicílio. A criança vai desenhar e representar sob esse condicionamento cultural.

A criança ao rememorar seu imaginário, contracenando com a sua realidade, inventa e repete configurações gráficas.



Eduardo (4 anos) – autorretrato.

O desenho também é manifestação da inteligência. A criança vive e inventa explicações para compreender a realidade. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual sob forma de atividade expressiva: o desenho.

Enquanto houver criança desenhando, representando, construindo, inventando, processando a realidade que lhe é apresentada, esta poderá ser vivenciada de modo inteligente e sensível.

Capítulo 3 – A vivência do desenho na sala de aula

Ao iniciar minha carreira como professora de Arte, percebi que as crianças em idade pré-escolar por não terem conhecimentos técnicos de desenho, não exploravam sua estrutura, o estilo e outros tópicos característicos deste método.

Então, me veio o interesse em pesquisar um pouco mais o desenho na fase escolar inicial da criança, para saber um pouco mais sobre como os profissionais trabalham este modo de expressão artística e como as crianças entendem o ato de desenhar.

Pensei em propor algumas técnicas, maneiras de se trabalhar o desenho, para que ele possa ser uma forma de expressão dos sentimentos, dos acontecimentos, da vivência dessas crianças.

Comecei, então, por observar como as práticas de produção do desenho infantil vinham sendo trabalhadas na escola. E pude perceber que, em muitas salas de aula, o trabalho com o desenho estava desvalorizando o processo criativo. Em muitos espaços escolares, o desenho era elaborado a partir de modelos prontos apresentados à criança, ou através de propostas descontextualizadas, sem significado real para ela.

Estava constatado que parte do problema estava diretamente relacionado com a formação do professor de Arte.

Desenvolver um trabalho com desenho na sala de aula requer alguns cuidados, uma vez que não podemos apenas pedir à criança que desenhe sem que, antes, o professor tenha conhecimento do método de expressão que pretende introduzir.

É necessário aguçar a imaginação, a memória infantil. É importante existir incentivo. A motivação pode partir da observação de objetos ou de lugares, de uma história contada, de uma conversa.

O educador precisa conhecer algumas técnicas de desenho e ir gradativamente apresentando-as à criança, considerando-se cada faixa etária. A diversidade de materiais ajuda muito, também, na motivação dos pequenos iniciantes.

É importante que a criança consiga compreender que o desenvolvimento e aprimoramento dos traçados vêm com os rascunhos, com as tentativas e os

esforços. E é exatamente esta habilidade ou não, para uma ou outra técnica, que faz surgir os diferentes estilos do desenho.

A criança desenha com frequência, o jovem menos e o adulto o faz, novamente com frequência, quando é artista. Para que se desene mais, menos ou nada, entra em ação a família, a escola e os meios de comunicação, que podem tanto reprimir como incentivar essa produção. E é exatamente no campo da ação, do fazer o desenho, que se encontra a escola: com profissionais nem sempre tão bem preparados, num ambiente com condições insuficientes para que o potencial criativo do educando apareça, permaneça e se desenvolva.



Eduardo (5 anos) – desenho livre com utilização de materiais diversos.

Nesse contexto, observei também que os professores que ministram a disciplina Arte, em seus cursos de formação continuada, graduação, pós-graduação, licenciatura, ao serem convocados a elaborarem algum tipo de desenho, são quase sempre resistentes à proposta, alegando que não são artistas, que não dominam essa técnica de expressão plástica.

Muitas vezes, os próprios profissionais que trabalham com Arte, se esquecem que desenhar; na verdade, é um exercício de observação do mundo e

um modo de expressar-se; que pode ser aperfeiçoado e explorado de muitas formas.

A criança, nos primeiros anos de seu desenvolvimento constrói a capacidade de figurar e de expressar-se por diferentes modos e faz isso livremente através do desenho, do faz-de-conta. No início, o desenho é para ela uma atividade lúdica, que amplia sua imaginação em inumeráveis maneiras de representação.

Segundo Piaget, “o desenho evolui conforme a evolução do pensamento da criança. Seu traçado, tipo de desenho e temática expressam como a criança pensa e vê o mundo”¹

De início, o desenho não possui um teor imitativo: são rabiscos ou garatujas que as crianças de até dois anos e meio fazem. Essa fase é chamada de desenho informal: a criança rabisca, aguçada pelo prazer do gesto motor. Só percebe que fez um traço depois.

A partir do momento que uma criança tem a intenção de reproduzir um modelo o desenho torna-se uma imagem.

Considero importante também apresentar ao professor de arte um pouco sobre os estágios do grafismo infantil, segundo Luquet ². Esse autor destaca quatro estágios na evolução do grafismo infantil:

1- Realismo Fortuito

Inicia por volta dos dois anos de idade, quando a criança já consegue descobrir uma correspondência entre a forma de seu traçado e algum objeto. A criança começa a reconhecer formas em seus rabiscos, sem uma intenção anterior. Por isso que, quando perguntamos a ela sobre seu desenho, em momentos diferentes, ela apresenta diferentes respostas.

2- Realismo Gorado

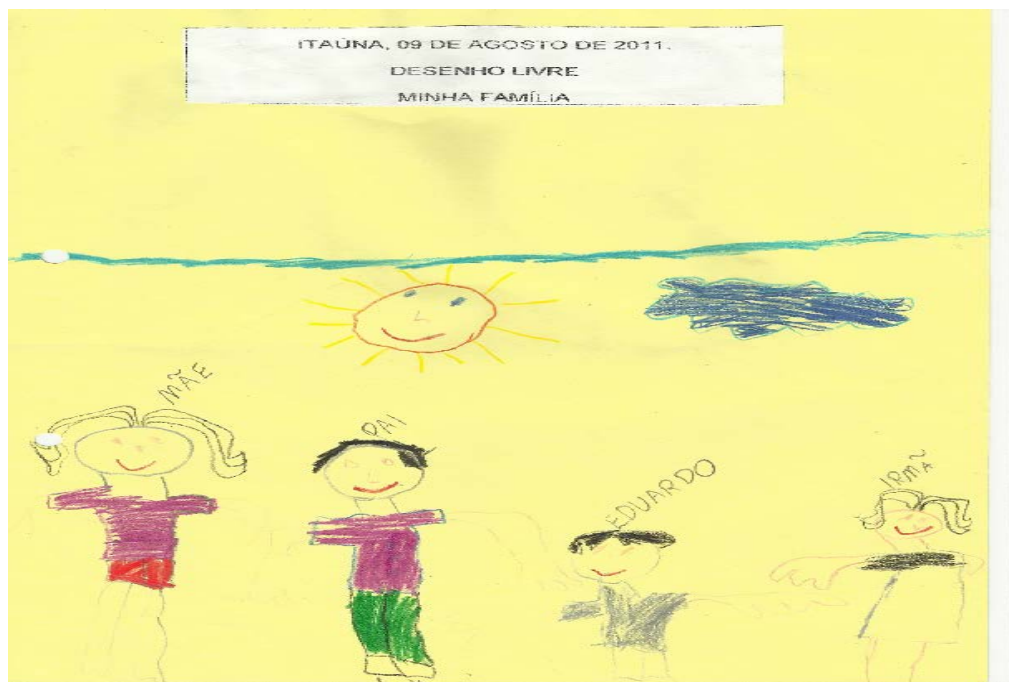
Entre três anos e meio e quatro anos e meio; a criança descobre a identidade da forma e a reproduz várias vezes. Os elementos do desenho não se coordenam num todo. Nessa fase, a criança fala enquanto desenha usando a linguagem como suporte para a sua representação gráfica.

3- Realismo Intelectual

Dos quatro anos e meio aos oito anos de idade; a criança passa a desenhar tudo aquilo que sabe a respeito do objeto e não apenas o que vê nele;

¹Seis estudos em psicologia, Jean Piaget.

não há ainda preocupação com perspectivas visuais (estética, proporção.) Nessa fase, a criança pode desenhar uma flor do tamanho de uma casa. Os desenhos também apresentam transparências: os móveis dentro das casas, o corpo por baixo das roupas.



Eduardo (5 anos) – desenho livre , tema: família.

4- Realismo visual

Dos oito anos de idade em diante, a criança busca representar o objeto observado com a maior fidelidade possível; nessa fase o desenho considera a disposição, proporção dos objetos.?



Giovanna (8 anos) desenho livre , tema: família.

É importante que o professor entenda um pouco sobre os estágios do grafismo infantil, para compreender em que fase a criança se encontra e para poder avaliar seu desenvolvimento e suas possibilidades.

O educador tem um papel importante na construção do processo artístico da criança, uma vez que deve envolvê-las com ideias a serem exploradas, estimulando-as e incentivando-as.

Com o intuito de minimizar a continuidade do trabalho com desenhos e representações estereotipadas, possibilitando aos educadores novas formas de abordar o Ensino em Arte, apresento, a seguir, algumas proposições aplicáveis ao cotidiano da sala de aula deste componente curricular:

1ª possibilidade: Tornar o espaço visual da sala de aula uma criação da criança.

No início do ano letivo, decorar a sala de aula com a produção da própria criança: pode ser com fotografias, painéis com a ampliação de seus desenhos, pinturas livres, etc.

Essa possibilidade valoriza a criação da criança e não colabora com os modelos estereotipados comumente apresentados.

2ª possibilidade: Apresentar propostas que disponibilizam variedade de materiais para as crianças.

O desenho possibilita o contato com diversos tipos de materiais gráficos, proporcionando experiências sensoriais com relação aos materiais e seus efeitos visuais. O educador deve, então, trabalhar com várias técnicas, onde as crianças terão liberdade no uso do material: explorar papéis de várias texturas, cores foscas, brilhantes, tintas, lápis grossos, finos...

Não deixar o trabalho “solto”, fazer intervenções, instigando-a, mas sem limitar a ação da criança.

Essa possibilidade é um meio de despertar nela a curiosidade dos efeitos, a evolução dos traçados e a criação de produções diversificadas.

² O desenho infantil, Luquet

3ª possibilidade: Releitura de obras de Arte.

Apresentar um artista, estudar sua vida e suas obras. Visitar uma exposição ou, se possível, levar o artista à escola. Levar a criança a falar sobre o que a obra diz para ela. Teatralizar a obra, dar vida à cena estudada. Produzir um trabalho com a mesma temática, porém, com o uso de diferentes materiais. Promover a valorização da obra feita pela criança, ouvindo-a relatar sobre seu próprio trabalho.

4ª possibilidade: O Desenho como representação de vivências na sala de aula.

Usar o desenho para marcar o resultado de um jogo ou brincadeira, para registrar lugares e exteriorizar as suas observações. Utilizar o desenho também como ilustração de uma história contada pelo adulto ou pela própria criança. É interessante que o professor também faça seu registro em desenho.

5ª possibilidade: Desenhar em grupo / duplas.

Produzir desenhos em duplas ou em grupos, onde cada criança produz uma parte e a outra complete. Essa atividade, desenvolvida na fase inicial de escolarização, é de grande importância, pois possibilita a socialização de maneira prazerosa e desenvolve valores morais, como a divisão do espaço e o respeito ao diferente.

Considerando que a atividade de desenhar estimula a expressão, a criatividade e o desenvolvimento cognitivo, e contribui para a formação de outras formas de expressão, espero que este trabalho venha a contribuir para que os profissionais do Ensino da Arte possam perceber a importância da ação educativa intencional no processo criativo de produção do desenho na escola, oferecendo às crianças oportunidades para exercer e desenvolver as possibilidades e o pensamento artísticos que lhes são inerentes.

CONCLUSÃO

Chegando aqui, ao final do trabalho, tenho a mais forte convicção de que os desenhos falam... para se comunicar é necessário dominarmos não só as palavras escritas, mas, todos os modos de expressão: as imagens, os sons, os gestos.

A Arte nos possibilita esse “trânsito” na comunicação, pois tem conteúdo próprio a ser aprendido e que pode ser dividido em quatro aspectos principais:

- o aprendizado das técnicas (o fazer);
- a História da Arte (manifestações artísticas no decorrer da História);
- a Crítica da Arte (análise e avaliação da produção artística);
- e a Estética (apreciação e interpretação dos significados do produto artístico).

Assim, a metodologia ideal no ensino do desenho é aquela que conjuga esses quatro aspectos, combinando-os, de modo que interajam no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, a atuação do professor deve ser ativa, exigente, criativa, inteligente, bem humorada, afetuosa e atenciosa.

Afinal, os desenhos dos pequeninos nos falam de uma saudade, da realidade, dos sentimentos multifacetados, de sonhos instantâneos e tão preciosos para a infância, e nós, professores, precisamos saber lidar com todo esse simbolismo imprescindível para a construção de indivíduos autônomos e de cidadãos felizes.

Espero estar contribuindo para que o Ensino do Desenho possa realmente ser um meio de ação e comunicação entre a criança pequena e seu mundo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A.M. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo Infantil*. São Paulo: Scipione, 1998.
- LANIER, V. *Retomando Arte à Arte-Educação*. 1984.
- LUQUET, G.H. *O desenho infantil*. Lisboa, Portugal: Companhia Editora do Minho, 1969.
- MEREDIEU, F. *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PIAGET, J. *Seis estudos em psicologia*. 23ª edição. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1998.
- MEC, Ministério de Educação e Cultura e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *RCNEI- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SEF, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.